

## **GEORGES DELBARD E A TRAJETÓRIA DA FRUTICULTURA DE CLIMA TEMPERADO NO SUL DO BRASIL**

*Georges Delbard and the temperate climate fruticulture trajectory in southern brazil*

Jo Klanovicz \*

**Resumo:** Neste artigo apresento a trajetória do viveirista francês Georges Delbard, que trabalharam diretamente na construção do estado de Santa Catarina como espaço privilegiado para a implantação de projetos de fruticultura de clima temperado a partir dos anos 1960. Ao fornecer conhecimento técnico e mudas de frutíferas para a região, Delbard também influenciou profissionais envolvidos no projeto com sua concepção de natureza e de modernização da agricultura, dando legitimidade ao processo de transformação ambiental que a fruticultura de clima temperado ocasionou. Para este artigo, utilizei de documentos técnicos que representam aspectos da fruticultura na região, bem como analisei a autobiografia de Delbard como texto ambiental.

**Palavras-chaves:** Georges Delbard; fruticultura de clima temperado; Brasil; transformação da paisagem; história rural.

**Abstract:** This article presents the trajectory of the French nurseryman Georges Delbard, who worked directly in the construction of the state of Santa Catarina as a privileged space for temperate climate fruit orchards since the 1960s. By providing technical knowledge and seedlings of fruit trees, Delbard also influenced professionals involved in the project with its conception of nature and with a specific idea agriculture modernization, giving legitimacy to the environmental change process in the region. I used technical documents that represent aspects of fruit growing in the region, as well as Delbard's autobiography as an environmental text.

**Keywords:** Georges Delbard; temperate climate fruiticulture; Brazil; landscape change; rural history.

Embora investigações de econômicas, institucionais ou agrícolas posicionem a fruticultura comercial e moderna de clima temperado no sul do Brasil - em especial, a produção de maçãs - como o resultado do empreendedorismo de imigrantes europeus (percorrendo o caminho de uma história tradicional das atividades econômicas na região) (BITTENCOURT, 2008), a história ambiental tem demonstrado que o surgimento e a consolidação da pomicultura foram, ao mesmo

---

<sup>†</sup> Doutor em História pela UFSC. Professor do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, na Unicentro. Coordenador do Laboratório de História Ambiental e Gênero (LHAG). Bolsista Produtividade em Pesquisa - CNPq. E-mail: [klanov@gmail.com](mailto:klanov@gmail.com)

tempo, o motivador e o resultado de uma visão de agricultura moderna, marcada pela racionalização da agrobiodiversidade, de um lado, e por incertezas ambientais, controvérsias técnico-científicas e uso de tecnologia de força bruta, de outro (KLANOVICZ e NODARI, 2005; KLANOVICZ, 2007).

Eventos como tentativas frustradas de produção, consequências imprevistas da devastação de extratos da Mata Atlântica com vistas à implantação de novos pomares, a luta contínua pelo controle da atmosfera contra chuvas de granizo por meio de inúmeras tecnologias, as estratégias para minimizar efeitos de geadas fora de época, o incremento do uso de agrotóxicos versus as limitações legais para seu uso; tudo isso corrobora para o entendimento de que projetos de agricultura em larga escala como os de produção de maçãs no sul do Brasil desde os anos 1960 precisam ser pensados sob a ótica das ambiguidades que estruturam o conhecimento agrícola moderno e sua prática, via processos modernizadores da agricultura.

No caso do município de Fraiburgo, em Santa Catarina, que foi o pioneiro e, por muito tempo, o maior produtor de maçãs na história recente do Brasil, essa modernização ambígua foi marcadamente caracterizada pela radical transformação da paisagem, pela guinada econômica de uma economia extrativista para uma economia agrícola, pela atração de mão de obra especializada na fruticultura e por consequências ambientais que ainda não foram interpretadas em sua totalidade e de maneira coesa.

Não é à toa que, em 1973, o então prefeito Willy Frey, empresário do ramo de reflorestamento e de fruticultura, ao descrever a cidade, não pensou duas vezes em dizer que Fraiburgo era um “verdadeiro laboratório a céu aberto para a fruticultura moderna” (FREY 1973).

A descrição feita por Willy Frey não era exagerada. Saltando de nenhum hectare de plantação comercial e moderna de frutíferas de clima temperado em 1961, as imediações do núcleo urbano dariam lugar a um pomar experimental no ano seguinte e a cidade viria a ser praticamente cercada por pomares no final da década de 1990. Em pouco mais de 40 anos, a escalada de pomares partir de 0 hectare a mais de 7 mil hectares e, na última década, com o envelhecimento dos pomares e sua não substituição, presencia-se a redução dos pomares, a fusão de empresas e a opção por outras atividades agrícolas, tais como o cultivo de soja ou de milho (KLANOVICZ, 2016).

Esse “efeito sanfona” das atividades agrícolas na região também não está distante do cenário da própria modernização agrícola que levou Fraiburgo a ser referência no cultivo de macieiras e está

ligado ao mundo de controvérsias e de ambiguidades das escolhas que foram tomadas no âmbito da própria expansão da fruticultura.

Em meio ao que fazer, como fazer e onde fazer pomares de macieira no meio oeste de Santa Catarina entre as décadas de 1960 e 1980, as principais decisões estiveram ligadas à presença de um personagem importantíssimo para a promoção da pomicultura no país: o viveirista francês Georges Delbard. Delbard aproximou-se de Fraiburgo a partir do contato comercial e técnico com a Sociedade Agrícola Fraiburgo SA (Safrá SA), da qual passou a fazer parte no final dos anos 1960.

Neste artigo busco discutir a trajetória do viveirista Georges Delbard e seu papel na construção de uma visão específica da fruticultura de clima temperado no sul do Brasil. Sendo um dos responsáveis pela introdução da maçã da variedade *Gala* no Brasil, Delbard difundiu impressões peculiares sobre plantações industriais em Fraiburgo (SC), identificando alguns dos dilemas que a fruticultura veio a apresentar ao longo de sua história. Entre eles, não deixou de questionar, quando da sua presença na Safrá SA estão: I) a dimensão adequada de pomares frente aos custos ambientais de sua instalação, e II) a devastação florestal para dar lugar a pomares.

Busquei a trajetória de Delbard a partir do cotejo de documentos oriundos da experiência de fruticultura local de Fraiburgo (SC) com sua autobiografia (*Jardinier du Monde*, lançada em 1986). Compreendo esses documentos como produções de um contexto no qual a agricultura passou a ter uma dimensão global, marcada pelos discursos de incremento da produção, da área plantada e da produtividade de alimentos como elemento fundamental para resolver a fome em todo o mundo - discurso esse entrelaçado com a capitalização e cientificação das atividades agropecuárias, e que foi estruturado no segundo pós-guerra (UPHOFF, 2007, p.13). Ademais, entendo a autobiografia de Delbard como uma produção peculiar na qual a autorrepresentação da vida de um viveirista está intimamente ligada à emergência de uma nova agricultura moderna pós guerra que dialoga não apenas com os desafios da industrialização agropecuária que buscava assemelhar suas atividades às das empresas manufatureiras típicas da revolução industrial, mas trazia consigo a perspectiva amplamente alicerçada em formulações científicas.

Por esse motivo, trato a autobiografia de Delbard como um texto ambiental multifacetado, repleto de imaginação ambiental, com uma dimensão ética específica, marcada pela interrelação humanos-mundo natural explicitada por meio da ideia de ambiente como um processo e não como

uma constante - uma dimensão bastante interessante do que Lawrence Buell (1995, p.7-8) considera ser um texto ambiental.

A autobiografia de Delbard é, também, um texto histórico, marcado pela representação histórica de si envolta na dinâmica, nas estruturas e no desenrolar de eventos maiores, como a internacionalização de projetos agrícolas franceses no pós-guerra, a emergência de instituições de pesquisa agrícola, os intercâmbios científicos e a dimensão sociopolítica global da agricultura moderna.

A escrita deste artigo leva em consideração a virada biográfica que atingiu os estudos históricos a partir dos anos 2000, especialmente em razão do espírito individualizante que aproveitou a crise das grandes narrativas para dar atenção renovada à relação entre indivíduos, cultura e sociedade na comunidade global (KING, 2001).

### **A modernização da agricultura em Santa Catarina**

Visualizar o processo modernizador da agricultura em Santa Catarina significa situá-lo no contexto maior das atividades que promoveram esses enunciados modernizantes em todo o país, especificamente aqueles que tiveram relevância para o mundo rural. Significa, por outro lado, prestar atenção em diversos agentes, desde governos até entidades locais e internacionais.

A modernização da agricultura brasileira ocupa espaço proeminente na historiografia nacional a partir de uma visão sociopolítica e social desde a década de 1980, discutindo ora o processo de marginalização e alijamento de setores sociais da modernização (a modernização conservadora e a modernização excludente), ora se preocupando com os aspectos institucionais dela.

Mauro Márcio de Oliveira identifica o oferecimento de assistência técnica e de extensão rural como os principais suportes das políticas modernizadoras (OLIVEIRA, 1999). Prestando atenção ao duplo foco das abordagens sobre o fenômeno, quais sejam, a perspectiva que busca nos personagens, iniciativas e ações os elementos da construção do serviço de extensão rural e a outra que enquadra a modernização por meio da vertente política prevalente (liberal com foco no mercado ou estatal e intervencionista), o autor não deixa de destacar o papel pedagógico e institucional da autarquização da modernização, especialmente descrevendo o papel da influência estadunidense por meio da American International Association for Economic and Social Development (AIA).

No cenário do segundo pós-guerra, no qual a grande preocupação dos EUA ainda era com uma possível reemergência do fascismo e no qual a postura isolacionista no que diz respeito às relações entre aquele país e a América Latina cedia espaço para o expansionismo cultural para todo o território, a noção de que cabia aos países do continente *melhorarem* sua produção, escaparem da miséria, da fome, da doença e da ignorância, e que isso só seria possível por meio da filantropia e da cooperação técnica oportunamente fornecida pelos estadunidenses seduziu a parte significativa das elites políticas e empresariais, especialmente do Brasil (SILVA, 2016).

Nelson Rockefeller foi, nesse sentido, personagem fundamental para alastrar a modernização agrícola no Brasil a partir de iniciativas que tiveram lugar em vários estados brasileiros. É importante salientar que o estreitamento das relações entre EUA e Brasil no pós guerra passaram pelos projetos de agricultura e de pecuária (SILVA, 2016, p.54).

Extensão rural e assistência técnica como símbolos e instrumentos da mudança surgiam como objetos de desejo. A AIA, nesse sentido, surgia oficialmente no Brasil em julho de 1946, estabelecendo um escritório no estado de São Paulo, chefiado por Robert Hudgens (SILVA, 2016, p.107), já envolvida em ações de combate ao surto de cólera suína que atingiu no início daquele ano os estados do Rio Grande do Sul, de São Paulo, do Paraná e de Minas Gerais.

A AIA passou a se articular suas ações junto a governos estaduais, municipais e a órgãos federais, criando um programa matriz com nove projetos (SILVA, 2016, p.90). A regionalização da extensão rural e da assistência técnica aconteceu, contudo, oficialmente, em 1 de agosto de 1948, quando a AIA assinou contrato de cooperação com o município paulista de Santa Rita do Passa Quatro. O modelo de contrato veio a ser expandido, meses depois, para São José do Rio Pardo. Essas experiências serviram para consolidar a perspectiva de extensão rural que norteou o alastramento das autarquias modernizadoras no Brasil a partir da década de 1950, marcada pela experimentação e pesquisa de conhecimentos técnicos com vistas ao incremento racional e econômico da produção agropecuária (SILVA, 2016, p.114).

Para o historiador Claiton Márcio da Silva, o extensionismo colocado em ação pode ser entendido como uma das vertentes possíveis de análises de projetos civilizadores, uma vez que procurou difundir a ideia de que a relação entre a ciência e a tecnologia se tornaria a base das mudanças culturais (SILVA, 117) e não é possível pensar a modernização agrícola fora desse contexto.

Silva (2016, p.122), depois de analisar em detalhe o processo de expansão das atividades da AIA no Brasil até o momento da criação dos escritórios técnicos, observa que a modernização não significaria simplesmente aplicar as técnicas agrícolas desenvolvidas nos EUA, mas aplicar técnicas mais adaptadas ao ambiente local. Fossem elas, por vezes, consideradas ‘modernas’ ou não, o resultado alcançado, a eficiência e a racionalidade aplicada eram os elementos mais importantes no processo (2016, p.122). Assim, a AIA não estava interessada em apenas estabelecer contratos de cooperação, oferecendo técnicos e transmitindo tecnologias, mas também criando outras iniciativas, como os clubes agrícolas para o trabalho com a juventude rural.

Efetivamente, a disseminação da estrutura modernizadora teve início nos anos 1950, após a vitoriosa iniciativa da AIA e da ACAR, com a instalação do escritório técnico encarregado que instalar nos Estados os serviços de extensão rural.

Em Santa Catarina o Escritório Técnico de Agricultura (ETA-Projeto 17) surgiu em 1956. Para dar continuidade ao seu trabalho, a Associação de Crédito Rural e Assistência Técnica de Santa Catarina (ACARESC) foi estabelecida em 29 de junho daquele ano.

Entre 1957 e 1964, a ACARESC abriu 47 escritórios municipais, chegando a ter, em 1976, 137 unidades, "acompanhando a própria complexidade e burocratização do estado" (LOHN, 1997). Simultaneamente, no mesmo período, o governo estadual passou a direcionar os investimentos dos pequenos para os grandes produtores, que podiam, por sua vez, influenciar no desenvolvimento de pesquisas agrícolas. Em 1975, como resultado desse processo, um braço da ACARESC foi desmembrado dando origem à Empresa Catarinense de Pesquisa Agrícola (EMPASC).

Essa agricultura a ser modernizada verticalmente pela ACARESC, que expande e se pulveriza para o interior do estado está inserida num processo iniciado no imediato pós-guerra em todo o território nacional, com suas peculiaridades regionais, mas que tratava de emular ou adaptar padrões de consumo inspirados no *American Way of Life*.

João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais dão ênfase a esse cenário do segundo pós-guerra, marcado pelos avanços produtivos seguidos de mudanças no sistema de comercialização de produtos, expansão e crescimento demográfico de várias cidades e convivência cada vez maior entre pequenas empresas como armazéns, quitandas, feiras, mercearias e açougues com a figura dos supermercados. O supermercado passaria a representar e impulsionar a transformação dos hábitos em geral e dos hábitos de higiene, limpeza e consumo de alimentos, em

particular. Tamás Szmrecsányi (1990, p.75) observa que, nesse momento, a maior integração entre os setores industrial e agrícola também impulsionou a crescente especialização do setor agropecuário.

Enquanto apresento esta visão macro dos processos de modernização da agricultura no segundo pós-guerra em relação ao crescimento de uma vida urbana no Brasil, não é forçoso lembrar que as intervenções modernizadoras, especialmente em Santa Catarina, desenharam-se especialmente sobre áreas que poderíamos denominar de fronteiras agrícolas.

O meio oeste do estado é, entre os anos 1950 e 1960, uma verdadeira fronteira agrícola, com extensas regiões de campos, alguns nativos e outros resultantes da exploração de madeira da Floresta Ombrófila Mista (FOM), caracteristicamente coberta por Araucárias (*Araucaria angustifolia*), Imbuia (*Ocotea porosa*) e Canela (*Ocotea pulchella*). A transformação ambiental da região de Fraiburgo/SC já ocasionada por madeireiras que exploravam o território desde o início do século XX passou a impulsionar alguns empresários da madeira a buscarem alternativas econômicas para a manutenção de seus lucros num futuro possível de escassez de florestas. Frente ao cenário de oferta de madeira dos anos 1930, por exemplo, nos anos 1950, a região de Butiá Verde, que veio a dar origem ao município de Fraiburgo em 1961, não apresentava mais muita floresta a ser extraída.

Aproveitando o cenário de especialização econômica, os irmãos René e Arnaldo Frey, que eram proprietários da maior serraria da região nos anos 1950, e com base em conhecimento tácito, passaram a investir em outros ramos econômicos, encontrando na fruticultura, especialmente no cultivo de ameixas e uvas. Para produzir vinho, instalaram uma pequena cantina. Faltava, contudo, conhecimento técnico para realizar adequadamente a empresa (BRANDT, 2005; BURKE, 1994).

É nesse contexto que a atividade de fruticultura passou a constantemente alterar paisagens, inserindo Fraiburgo/SC numa lógica de movimento, de fluxos próprios resultantes da modernização, tais como migração de mão de obra especializada, perturbações ambientais, modificação de relevo, implantação de novas técnicas agrícolas, emergência de símbolos modernos para um município que deixava de depender da madeira para depender da agricultura de grande porte.

### ***Amis valent mieux qu'argent!* Georges Delbard e a Safra AS**

A aproximação e o envolvimento de Georges Delbard com a produção de maçãs no Brasil deu-se em função da Safra SA e pela intensificação dos negócios e dos intercâmbios técnicos entre a sociedade e a Pepinières Delbard, da França. Nesse sentido, podemos dizer que parte da consolidação da fruticultura de clima temperado como atividade comercial e técnica no Brasil está diretamente ligada à intensa cadeia de trocas científicas, práticas de plantio, conhecimento técnico e capacidade de investimento que acabaram aproximando França, Brasil e Argélia das autarquias modernizadoras que estavam, simultaneamente, sendo expandidas em território catarinense.

Esse é um processo de idas e vindas, que inicia com os anos 1960 e continua até os anos 1980, não sem tensões, discussões sobre os projetos a serem implantados, desafios técnicos com relação a variedades a serem cultivadas, jogos de interesses públicos e privados e, mais ainda, desafios técnicos a serem transpostos quando o assunto é meio ambiente.

Em 1º de setembro de 1965, o viveirista francês Georges Delbard e o empresário franco-argelino Gabriel Evrard encontraram-se na comuna de Malicorne, durante a Réunion Pomologique, organizada regularmente por Delbard desde 1958. O evento, de caráter técnico e empresarial, tinha grande repercussão no mundo da agricultura francesa da época, divulgando as últimas novidades do ramo e sempre contava com a participação de especialistas, entusiastas, políticos e clientes de muitos países, desde os África do norte até a União Soviética, China e Japão. As “reuniões pomológicas” tinham grande repercussão na imprensa francesa, numa época de efervescência de projetos técnicos de fruticultura e de movimentos de modernização da agricultura em várias regiões.

A família Evrard já tinha vinhedos na Argélia e investia no ramo de hotelaria na Europa. O objetivo do encontro com Delbard era, contudo, outro: a família Evrard, juntamente com o empresário francês Albert Mahler e com os irmãos Frey, estabeleceram oficialmente a Sociedade Agrícola Fraiburgo SA (Safra SA) e a Sociedade Vinícola Fraiburgo SA em 27 de março de 1962. O objetivo de ambas as sociedades era produzir frutas de clima temperado e comercializar uvas e derivados. Nesta sociedade, os irmãos Frey entrariam com 1.000 hectares de terra, onde já se encontravam os parreirais, o pomar de ameixas e a cantina onde o vinho era produzido, enquanto o grupo franco-argelino entraria com o capital necessário para expandir a produção de uva e modernizar a cantina, ficando cada sócio com 33% do capital (BRANDT, 2004, p.53).



O surgimento da Safra SA foi favorecido pela capacidade de investimento a longo prazo, pela grande extensão de terras a ser utilizada para a produção (1.200ha), pela facilidade de obter financiamentos para maquinário e pelo custo relativamente baixo da terra e de mão de obra no interior de Santa Catarina.

Henri Evrard conheceu, enfim, a região de Fraiburgo e encontrou ali alguns agricultores que produziam maçãs rústicas. De acordo com ele, "visitando os colonos, cada um tinha um pé de maçã de 30 a 40 anos, bem velho, produzindo uma maçã comum. Mas a folha estava boa, o pé desenvolvendo... os colonos têm maçã, por que a gente não poderia plantar maçã?" (EVRARD, 2003).

A ideia era tentadora, ainda mais que o ritmo das importações não era acompanhado pelo aumento da produção nacional à época, já que a importação de maçãs pelo Brasil, em toneladas, era de 36.424 em 1960, 43.232 em 1961, 50.153 em 1963, enquanto a produção nacional estava estagnada na casa das 10.000 toneladas/ano no mesmo período (SEZERINO, 1982, p.85).

Para a condução das experiências com mudas das mais diversas fruteiras de clima temperado no pomar da Safra SA, foi contratado o agrônomo Roger Marie Gilbert de Castelle Biau, vindo da Argélia, onde já havia trabalhado por 10 anos na propriedade da família Evrard (BIAU, 2003).

Entre 1962 e 1963, foram importadas 100 mil mudas, que desembarcaram no Rio de Janeiro/RJ e foram levadas para Fraiburgo/SC. De acordo com Biau, "as primeiras mudas chegaram em julho e nós fomos plantar em novembro. Já tinham brotado. Foram plantados 2ha com mudas já brotadas" (BIAU, 2003). As mudas que chegaram no Brasil vinham da empresa de Georges Delbard, a Pepinières Delbard, em Malicorne.

Nos próximos 10 anos, a sociedade iria realizar diversas pesquisas de adaptação de cultivares, levando em conta as condições climáticas locais para a produção de frutíferas de clima temperado e Roger Biau, assim como Georges Delbard pontuaram que a planta mais adequada para cultivo comercial na região seria a macieira. Nesse sentido, em 1976, a empresa Agrícola Fraiburgo, de propriedade do grupo franco-argelino e resultante da dissolução da Safra SA daria início à plantação sistemática de três variedades de macieiras: as maçãs vermelhas *Gala* e *Fuji*, e a maçã amarela *Golden*.

## **EXPEDIÇÕES**

Teoria da História &  
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

Marlon Brandt (2005) sintetizou a formação da Agrícola Fraiburgo e a opção dos empresários locais pelo cultivo comercial de macieiras, mesmo que as condições climáticas de Fraiburgo não necessariamente pudessem corresponder às necessidades edafoclimáticas para um cultivo de qualidade em toda a região, especialmente devido à carência das mínimas 900 horas de frio igual ou inferior a 7°C durante o inverno, condição fundamental para as variedades existentes à época. Outro elemento que o autor explora, assim como Jo Klanovicz e Eunice Nodari (2005), foi a íntima ligação entre os empresários catarinenses do setor agroindustrial e órgãos estatais, entre as décadas de 1950 e 1960, como já havia sido pontuado por autores como Barbara Giese (1991) e Eros Mussoi (2003). Na segunda metade da década de 1960, o cargo de Secretário da Agricultura do Estado de Santa Catarina foi ocupado por Luiz Gabriel, que era ligado ao grupo agroindustrial Perdigão, e que tinha, por conseguinte, ligações com a família Frey e o grupo Safra SA.

Marlon Brandt afirma que:

a ligação da Safra com Luiz Gabriel seria fundamental para a implementação de alguns programas visando o desenvolvimento da fruticultura de clima temperado no Estado, culminando com o Programa de Fruticultura de Clima Temperado, o Profit, criado através da Lei nº 4.263, aprovada em 1968, porém executado apenas em 1970 (SANTA CATARINA, 1970) (BRANDT, 2004, p.111).

Marlon Brand constatou que “a implementação do Profit foi extremamente benéfica ao grupo Safra, uma vez que para desenvolver a fruticultura em Santa Catarina seria necessária a produção de mudas de fruteiras de clima temperado” (BRANDT, 2004).

Por meio do Profit, diversos agricultores interessados em produzir frutíferas de clima temperado no meio oeste ou em outras regiões do estado de Santa Catarina teriam acesso a mudas, assistência técnica e extensão rural diretamente ligadas à conversão de propriedades rurais à fruticultura. Nesse sentido, observando-se alterações estatutárias da Safra SA bem como deliberações da ACARESC e da Secretaria de Agricultura de Santa Catarina, é possível perceber que, entre 1968 e 1970, quando o Profit foi efetivado, Fraiburgo passou a fornecer a totalidade das mudas demandadas pelo programa (KLANOVICZ, 2007; BRANDT, 2004).



**Figura 1:** Pomar experimental da Safra SA, criado por Roger Marie Gilbert Biau, em Fraiburgo (SC), 1963.

### **Um pouco sobre Georges Delbard**

Georges Delbard nasceu em 20 de maio de 1906, na comuna de Malicorne, uma pequena comunidade. A região de Malicorne, desde o século XVIII, era marcada pela atividade da mineração, sem uma tradição agrícola qualquer e espaço de lutas operárias desde o final do século XIX.

Na autobiografia que Delbard escreveu, a importância da jardinagem e da horticultura, como um todo, apareceram aos sete anos de idade, quando passou a frequentar a “grande école”, tendo como professor o Monsieur Victor Murat. Murat é homenageado por várias páginas na autobiografia, tanto por sua importância como professor primário de Delbard como também por incutir em seus estudantes a preocupação com a profissão a seguir quando adultos. Delbard já tinha respondido para Murat que seu sonho era ser jardineiro.

Preocupado com as alternativas econômicas para uma região mineira decadente no início do século XX, Murat converteu parte dos fundos da escola num verdadeiro campo pedagógico-experimental, voltado ao incremento da produção de trigo.

Não há como não vincular a decisão profissional de Delbard à influência do professor Murat. As atividades de jardinagem tiveram continuidade com a experiência proporcionada pelo envolvimento com o jardim do Presbitério de Malicorne, cuidado excepcionalmente pelo abade Beaulaton (DELBARD, 1986, p.86).

Ao longo da década de 1910 e 1920, Georges Delbard pode conciliar o caminho de sua formação escolar e o ingresso na produção e comércio de flores, primeiramente, do crisântemo, que, entre 1927 e 1929 já renderia a ele o comércio local de Malicorne e regional de Comentry, bem como alguns prêmios de qualidade.

Buscando melhorar de vida, Delbard dirige-se a Paris e a Versailles, com uma carta de recomendação em mãos, para uma vaga de trabalho junto aos estabelecimentos de horticultura de Georges Truffaut. Lá, trava contato com o diretor comercial da empresa, Monsieur Barbier, que trata da contratação de Delbard como possível secretário da diretoria de horticultura, com um salário de mil francos mensais. Em 25 de setembro de 1929, Delbard desliga-se do trabalho de forja, em Comentry, e ruma para Versailles-Le Chesnay. Em 28 de setembro, Delbard atendeu no departamento comercial o embaixador do Peru na França e alguns de seus ministros, que procuravam comprar pereiras, e então ele percebe que os estabelecimentos Truffaut não tinham frutíferas para fornecer, mas o estabelecimento ao lado, da firma Moser (da mesma família) podia suprir a delegação.

Delbard ganhou aumento salarial imediato por conta de ter conseguido fechar negócio com a delegação do Peru. Sucessos à parte, depois de 6 anos de trabalho com Georges Truffaut, “que tinha poucos amigos entre os colegas”, por seu temperamento direto, Delbard foi demitido em junho de 1935.

Ao deixar os estabelecimentos Truffaut, Delbard tinha adquirido conhecimento técnico, comercial e de gestão, tendo participado da exposição colonial de Vincennes, além de ter conhecido muitas personalidades, aproximando-se, cada vez mais, da École Supérieure d’Horticulture.

A partir da demissão por Georges Truffaut, Delbard criou seu próprio negócio, trabalhando para converter a propriedade da família num imenso viveiro de mudas em Malicorne, e conseguiu sucesso nacional quando lançou o primeiro catálogo colorido de venda de plantas na França.

Não interessa, nesse momento, narrar em detalhe a emergência da Pepinières Delbard (estabelecida entre 1946 e 1948) a partir da iniciativa de Delbard, mas considerá-la como uma empresa que passou a desempenhar papel significativo na difusão de novas variedades frutíferas e hortícolas em geral, bem como uma lógica mais dinâmica na comercialização de cultivares de flores, de leguminosas e de frutíferas, especialmente a partir do lançamento do catálogo *Les Beaux Fruits de France* (1946).

Dos anos 1940 aos anos 1960, Delbard estabelece sua empresa a partir da criação de um pomar experimental, bem como começa a lançar inúmeras variedades melhoradas de frutas e flores sob a marca Delbard, além de organizar reuniões científicas cada vez mais reconhecidas nacional e internacionalmente. O sonho de ampliar a produção e comercialização de fruteiras e flores a uma escala internacional foi realizado, especialmente entre o final dos anos 1950 e início dos anos 1960, quando a economia francesa começou a dar sinais de reação positiva.

### **A paisagem moderna para a fruticultura de Fraiburgo, na visão de Delbard**

Em 1967, dois ano depois do convite de Evrard, Delbard desembarca no Rio de Janeiro, onde tem diversas reuniões de negócios, viaja para São Paulo e, de lá, rumo a Fraiburgo, sem descuidar da descrição da paisagem que ia observando no trajeto.

Delbard narrou com detalhes o que mais lhe impressionou ao longo do trajeto: a biodiversidade e, especialmente, o desmatamento do interior do país: “a aceleração do desmatamento das terras brasileiras é o ponto de partida de uma situação trágica. A recuperação das nova superfícies, é feita por meio do cultivo do milho nessa área” (DELBARD, 1986, p.573).

E continua:

Graças ao húmus, acumulado por milênios, o solo é luxuriante no primeiro ano depois do desmatamento. Rapidamente ele perde a qualidade com a dispersão do húmus, especialmente para as baixadas ou banhados. A erosão catastrófica que varre os solos pela lateralização é pior ainda. Nesses campos inférteis não nasce quase nada. Isso resulta num verdadeiro desastre agrário (DELBARD, 1986, p.573).

Ao chegar em Fraiburgo:

A cidade está situada a uma altitude de 1100m, e é conhecida pela cultura da uva e pelas árvores frutíferas de países temperados, em razão do período relativamente frio. A inspeção das árvores existentes (macieiras e pereiras) convencem-me que o seu comportamento a esta altitude poderá ser semelhante ao que acontece com as frutíferas das planícies costeiras da Argélia. A altitude corrigiria, assim, os efeitos da latitude. Podemos aplicar aqui os métodos de produção da África do norte. Os princípios são: seleção das variedades, seleção de porta enxertos, trabalho de solo apropriado e tratamento para favorecer a dormência, além do cuidado com a irrigação, etc. (DELBARD, 1986, p.577).

Amigo de M. F. Hirigoyen, prefeito de Biarritz de 1929 a 1941 e, à época da viagem que Delbard fez ao Brasil, presidente da Associação Éuramérique du Sud, que colocou o viveirista em contato com a esposa do Ministro do Comércio Exterior da França, Charles de Chambrun.

Interessados em expandir as negociações da França com o Brasil, de Chambrun contactou o Ministro de Planejamento e Cooperação do Brasil, Roberto de Oliveira Campos, intermediado pelo embaixador brasileiro em Paris, Bilac Pinto.

A primeira reunião que Delbard teve no Rio de Janeiro foi com os ministros Roberto Campos e Vilar de Queiroz (Comércio Exterior), acompanhado do prefeito de Fraiburgo, René Frey, e do empresário Henri Evrard. O tom da reunião foi “amável, porém cético e até zombeteiro”, afirmava Delbard, especialmente porque as autoridades brasileiras não acreditavam ser possível cultivar maçãs de qualidade comercial e em escala no Brasil, de acordo com os estudos preliminares que tinham em mãos.

De acordo com o viveirista, Roberto Campos argumentava que os dados folclóricos sobre o frio e a produção de maçãs não servia como base para afirmar a viabilidade séria, rentável e importante de possíveis pomares. Por outro lado, Delbard argumentava que estudos já realizados e sua própria experiência como viveirista eram a base para a obtenção de resultados tangíveis e palpáveis em Fraiburgo.

Delbard pediu dois ou três anos de hiato para provar que sua ideia de produzir comercialmente maçãs de boa qualidade em Fraiburgo estava correta. A isso, Roberto Campos respondeu, desejando boa sorte na tentativa, e que se isso acontecesse, “colocaria uma estátua de Delbard numa praça do Rio de Janeiro” (DELBARD, 1986, p.579).

O governo brasileiro solicitou um estudo, que foi apresentado por Delbard em 1 de março de 1967, intitulado *Production Industrielle Brésilienne de Fruit de Climat Tempéré*. Os trabalhos intensificaram-se, com remessas cada vez maiores de mudas da Pepinières Delbard à Safra SA, e, em 1968, Delbard e Biau lançavam o *Guide de l'arboriculteur brésilien pour la conduite des vergers industriels*.

Delbard fazia o primeiro “discípulo”, como descreveu René Frey. Para estabelecer os pomares em Fraiburgo (SC), a Safra SA passou a aproveitar incentivos fiscais, bem como o conhecimento e os instrumentos técnicos fornecidos por Georges Delbard, tais como o uso de um arado balança, capaz de trazer à superfície o solo da profundidade de 70cm a 80cm.

Delbard salienta o dinamismo de Frey na sua sanha de transformar campos e espaços que antes eram florestas em pomares intensivos de macieira, os primeiros do Brasil nesse estilo de

produção: “em 1969, ele será o primeiro a por em prática minhas teorias sobre a produção de maçã no Brasil” (DELBARD, 1986, p.583).

Em Fraiburgo (SC), Georges Delbard encontra um cenário que foi qualificado posteriormente pelo agrônomo e extensionista da ACARESC, Jorge Bleicher (2002) como um mundo repleto de pessoas “progressistas” (BLEICHER, 2002). Bleicher referia-se aos irmãos René e Arnaldo Frey, Willy Frey e ao padre italiano, pároco da cidade e diretor da Escola Sedes Sapientiae. René e Arnaldo Frey eram os proprietários de terras que foram destinadas à Safra SA; Willy Frey era filho de René Frey e acabou retornando a Fraiburgo (SC) para criar um novo empreendimento, a Reflorestamento Fraiburgo Ltda (Reflor), que será a empresa responsável por dar início aos pomares de grandes dimensões aproveitando incentivos fiscais de reflorestamento. Por fim, o padre Biágio Simonetti era o pároco da cidade e diretor-fundador da Escola Sedes Sapientiae, que, em 1973, estruturará um Curso Técnico de Segundo Grau em Agropecuária, especialmente voltado à fruticultura de clima temperado. Todos esses indivíduos estavam envolvidos com a modernização da agricultura em Fraiburgo (SC) cada um a seu modo, com acordos e desacordos, e com personalidades extremamente fortes (BLEICHER, 2002).

Depois de desavenças no que diz respeito à orientação e à concepção das plantações de macieiras que acontecem em Fraiburgo, Delbard deixa de ser sócio da Safra SA, (que está sendo dissolvida entre 1975 e 1976, e se distancia do Brasil em termos de fornecimento de conhecimento técnico. Até aquele momento, ele tinha-se aproximado cada vez mais do projeto em Fraiburgo, chegando a visitar as plantações duas vezes ao ano.

A dissolução da Safra SA com a saída de Georges Delbard ainda não é apenas o reflexo de visões diferentes sobre o investimento da fruticultura de clima temperado no Brasil. Por muitas vezes, Delbard admirava a perspectiva de entusiasmo e a energia dos investimentos no país. Sua saída deu-se por divergências na condução dos projetos e pomares, na dimensão dos mesmos, no trato técnico, como ele mesmo afirmou.

A insistência do viveirista em reafirmar em diversos momentos de sua autobiografia que a saída da Safra SA deu-se por razões técnicas direciona o olhar para as divergências em termos do que os técnicos entendem por “modernização da agricultura”, “plantações industriais” e “fruticultura de clima temperado comercial e moderna” na região e posiciona Delbard em relação ao saber técnico e às escolhas técnicas e de ciência que foram sendo desenhadas na época.

Uma das principais questões que emergem quando se pensa na ciência agrícola é para quem e para que seu desenho conceitual e prático servem, e quais as mudanças que são operadas nessa comunidade de conhecimento.

No caso de Georges Delbard e como fruto direto das reuniões técnico-científicas e comerciais que passara a promover na Pepinières Delbard desde os anos 1950, a ciência agrícola era, de fato, aquela que pudesse promover as plantações industriais, os megaprojetos agrícolas, preferencialmente vinculadas ou ao fornecimento de mudas ou ao fornecimento de conhecimento técnico advindo da França.

O viveirista, a partir da instalação de seu pomar experimental e com o fim da Segunda Guerra Mundial, faz uma visita a produtores de frutas dos Estados Unidos da América, em 1949, por conta das relações comerciais e técnicas que foram tecidas entre ambos os países por ocasião da implementação do Plano Marshall um ano antes. Lá, tem oportunidade de conhecer algumas variedades frutíferas como a maçã *Golden* e a maçã *Red Delicious*, que foram melhoradas nas dependências da empresa de Stark.

Delbard intercala o biológico e político no que diz respeito à ideia de melhoramento vegetal, ainda nos anos 1950. Ao falar sobre hibridação e seus efeitos na melhoria da qualidade dos frutos, e quais seriam os benefícios do desenvolvimento de variedades a partir dessa técnica no pós-guerra na França, com vistas a uma melhor alimentação em geral, não deixa de se remeter ao processo como um benefício da “civilização” das plantas mais “selvagens” (DELBARD, 1986, p.395).

Delbard afirma que “é sempre possível crer num mundo com variedades frutíferas melhores” (1986, P.402) e, nesse sentido, passa a organizar as réunions pomologiques, em Malicorne, desde o final da década de 1950.

Nesse sentido, um período importante para Delbard e intimamente ligado ao estabelecimento dos projetos de fruticultura de clima temperado teve início em 1958 e se estendeu até o final da década de 1960. É um período de intensa aproximação de Delbard tanto com a hibridação como também à discussão em torno da genética vegetal em linhas gerais, por meio de uma parceria que começou a ser reforçada com o Institute Nationale de la Recherche Agronomique (INRA).

Delbard instituiu esse período como o do “Bien faire et le faire savoir”. Em 1958, em 1 de julho, organizou um colóquio para discussão dos problemas e possibilidades da produção de



## EXPEDIÇÕES

Teoria da História &  
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

pequenas frutas, com atenção especial para a framboesa. O evento contou com mesas de discussão sobre técnica e preparação de solos, modelos de plantio, modos de condução e de otimização de rendimento da planta, observações relativas à vegetação, observações relativas à floração, observações sobre a frutificação, além da apresentação de conclusões relativas às melhores variedades de acordo com estudo de cinco anos de duração (DELBARD, 1986, p.405).

No mesmo ano, em 13 de setembro, aconteceu a inauguração do pomar experimental da empresa. Dois anos depois, em 24 de setembro de 1960, 400 participantes apresentaram-se no lançamento da obra *Bilan de Douze Années d'Experimentation Frutière*. Em 7 de julho de 1962, Malicorne sediu a Journée des arbustes à petits fruits, com a participação de 300 pessoas. Em outubro, Delbard era conferencista do Congrès Pomologique International de Sion, na Suíça, discutindo *Avantages et Inconvénients de Formes Palisées Appliquées aux Arbres Fruitières à Pépins*.



Figura 2: Reprodução de página do jornal *Le Figaro*, repercutino a reunião pomológica organizada por Georges Delbard em 1958. In: DELBARD, Georges. *Jardinier du Monde*. Hachette: Paris, 1986, p.403.

Entre 1965 e 1966, Delbard desenvolve e começa a comercializar mudas de frutíferas livres de vírus por meio de um método de termoterapia. As plantas passavam por uma câmara com temperatura controlada constante de 37,5°C e umidade entre 90% a 100% (DELBARD, 1986).

Nos “anos extraordinários” de Delbard, o viveirista observa que sua intervenção adquiria uma escala internacional, que ele mesmo inseria num cenário característico do século XX, marcado pela “explosão de técnicas em todas as partes”, com progresso significando “produzir mais e melhor” (DELBARD, 1986, p. 457). Além do lançamento de novas variedades, das “terapias” para mudas livres de vírus, Delbard também estabeleceu um laboratório de cultura *in vitro*, e passou a receber inúmeras delegações estrangeiras em sua empresa, cuidadosamente registradas, tais como as da Universidade de Florença (Itália), da Estação Experimental de Cluj (Romênia), do Irã, de Quênia, da União Soviética, da República da Moldávia (URSS), da China, da Bulgária, dos EUA, Argélia, Tunísia. Além de receber delegações, Delbard percorreu e visitou todos os continentes “com a objetividade em questão” e “confrontando técnicas” (DELBARD, 1986, p.519).

Norman Uphoff (2007) descreve a agricultura do segundo pós-guerra como uma agricultura industrial diferente daquela que foi-se estruturando entre o século XIX e início do XX. Para ele, na primeira metade do século XX, as iniciativas ligadas ao que ficou conhecido como agricultura moderna buscaram "industrializar" a agricultura, tornando-a mais e mais semelhante às empresas manufactureiras e aos processos que transformaram as economias ocidentais. Os elementos principais eram: a) a padronização das operações de acordo com o conhecimento científico mais recente; b) a mecanização das operações, tornando a produção em larga escala possível e promovendo a consolidação das unidades produtivas em entidades de larga escala; c) tecnologias de economia do trabalho braçal; d) uso de insumos químicos para aumentar a fertilidade do solo, controlar plantas indesejáveis e proteger as plantações (UPHOFF, 2007, p. 15).

Entre os anos 1950 e 1960, contudo, a agricultura passou a se pautar cada vez mais de acordo com "formulações científicas", tais como: 1) potenciais genéticos, que reforçaram a busca de melhoramento vegetal e animal. Embora isso já fosse importante, agora entravam diretamente no pensamento agrícola; 2) utilização eficiente de insumos, que tornaram os agrotóxicos e fertilizantes mais eficientes; 3) Intensificação do uso de energia, e 4) Intensificação do capital. Essa situação é ampliada porque depois da Segunda Guerra Mundial um objetivo político global da agricultura

emergiu, que era "alimentar o mundo". A extensão das plantações acabou tornando-se o critério de sucesso da produção agrícola: um padrão físico para o sucesso (UPHOFF, 2007, p.16).

### **Considerações finais**

Grande parte das observações que Delbard faz com relação à fruticultura industrial são contemporâneas de movimentos posteriores nas técnicas agrícolas e na forma de se entender as atividades agropecuárias no ocidente no período pós-guerra, principalmente no que tange especialmente ao melhoramento vegetal.

No período de consolidação dos empreendimentos de Delbard, e no que diz respeito à implantação de pomares de macieira em Fraiburgo (SC), a influência dessa perspectiva específica de agricultura moderna deu a tônica para a expansão de pomares. Sua perspectiva de megaplantações aliada ao emprego de tecnologia de ponta e construção de uma dinâmica industrial para projetos acabou sendo determinante para impulsionar uma fruticultura que era, e acordo com ele próprio, “dynamique en diable” no meio oeste de Santa Catarina.

### **Referências:**

BIAU, Roger M. G. *Roger Marie Gilbert Biau: Depoimento*, novembro de 2003, Fraiburgo. Entrevistador: Marlon Brandt.

BITTENCOURT, Cleiton C.; MATTEI, Lauro F. Panorama da cadeia da maçã no estado de Santa Catarina: algumas evidências no segmento da produção. *Anais do II Encontro de Economia Catarinense*. Chapecó, 2008. Disponível em: <<<http://necat.ufsc.br/files/2011/10/Laurooo-2008.pdf>>> Acesso em: 18 jan. 2017.

BLEICHER, J. *Entrevista concedida a Jó Klanovicz*. Florianópolis, 15 maio 2002.

BRANDT, Marlon. “Frey”burgo: acumulação de capital no setor macieiro e continuidade política no município de Fraiburgo na década de 1960. 2004. 142f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Centro de Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

\_\_\_\_\_. Criação da Sociedade Agrícola Fraiburgo (Safrá) e o início da pomicultura em Fraiburgo/SC, na década de 1960. In: *Revista Discente Expressões Geográficas*. Florianópolis: Depto. Geografia, jun. 2005. n. 1.

BUELL, Lawrence. *The environmental imagination*. Boston: Harvard University Press, 1995.

- BURKE, Thomas J. Fraiburgo: do machado ao computador. Curitiba: Vicentina, 1994.
- CARDOSO DE MELLO, João M.; NOVAIS, Fernando. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia M. (org.) *História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DELBARD, Georges. *Jardinier du Monde*. Paris: Hachette, 1986.
- EVRARD, Henri. *Depoimento*, novembro 2003, Fraiburgo. Entrevistador: Marlon Brandt.
- FREY, Willy. Relatório sobre a REFLOR. SIMONETTI, Biagio. *Processo de criação do curso técnico em agropecuária da Escola de Segundo Grau "Sedes Sapientiae" encaminhado à Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina*. Fraiburgo, setembro de 1973.
- GIESE, Bárbara. *A atuação política do empresariado catarinense dos ramos têxtil e agroindustrial: demandas e canais de influência (1970-1985)*. 1991. 149f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1991.
- KING, M. *Tread softly: for you tread on my life*. Auckland, Cape Catley, 2001.
- KLANOVICZ, Jo. *A hùbris agrônômica em meio aos projetos de agricultura moderna no sul do Brasil*. Anais do XVI Encontro Estadual de História da ANPUH-SC. Chapecó, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Natureza corrigida: uma história ambiental da pomicultura no sul do Brasil*. 2007. 303f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- KLANOVICZ, Jo; NODARI, Eunice S. *Das araucárias às macieiras: a transformação da paisagem em Fraiburgo/SC*. Florianópolis: Insular, 2005.
- LOHN, Reinaldo L. *Campos do atraso, campos modernos: discursos da extensão rural em Santa Catarina (1954-1975)*. 220p. Dissertação (Mestrado em História Cultural). Programa de PósGraduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1997.
- MUSSOI, Eros M. Políticas públicas para o rural em Santa Catarina: descontinuidades na continuidade. In: PAULO, Maria I. S.; SCHMIDT, Wilson. (orgs) *Agricultura e espaço rural em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 2003.
- OLIVEIRA, Márcio M. As circunstâncias da criação da extensão rural no Brasil. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 16, p. 98 (97-134), maio/ago. 1999.
- SCHIMIDT, W. *O setor macieiro em Santa Catarina: formação e consolidação de um complexo agroindustrial*. 1990. 258f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Agrário) Instituto de

## **EXPEDIÇÕES**

Teoria da História &  
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Itaguaí. Rio de Janeiro, 1990.

SEZERINO, Maria L. *As condições climáticas e o cultivo da maçã em São Joaquim – Santa Catarina*. 1982. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP Rio Claro, Rio Claro, São Paulo, 1982.

SILVA, Claiton M. da. *De agricultor a farmer: Nelson Rockefeller e a modernização da agricultura no Brasil*. Curitiba/Guarapuava: Editora da UFPR/Editora da Unicentro, 2016.

SZMRECSÁNYI, Tamás. *Pequena história da agricultura no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1990.

UPHOFF, Norman. *Agricultural futures: what lies beyond 'modern agriculture'?* Tropical Agriculture Association. Newsletter 27(3)p.13-19, Midlothian: TAA, 2007.